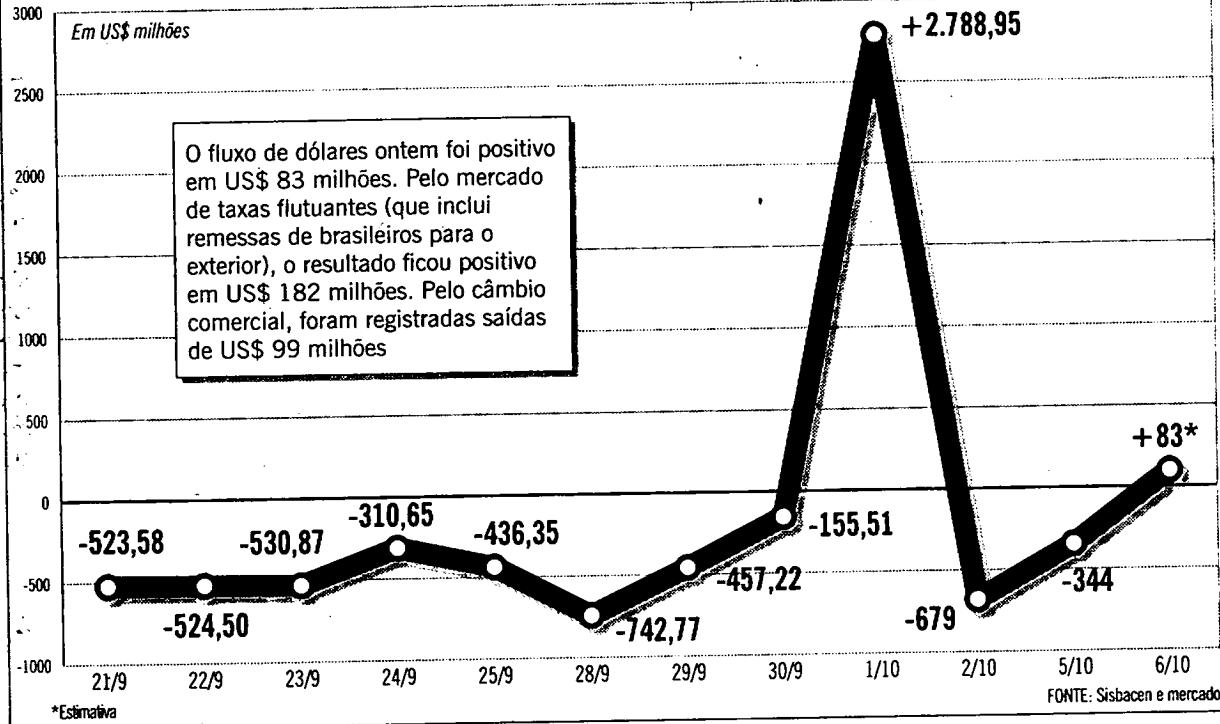


Economia Brasil

MERCADOS EM CRISE: Tractebel traz dinheiro para pagar Gerasul

Editoria de Arte

O SALDO CAMBIAL BRASILEIRO



Privatização faz saldo cambial ficar positivo em US\$ 83 milhões

Espanha reduz juros e leva otimismo às bolsas da Europa

Ana Magdalena Horta,
Erica Fraga e Flávia Oliveira

O programa de privatização garantiu mais um saldo cambial positivo para o país em outubro. Ontem, a entrada de parte dos recursos para pagamento da segunda parcela da Gerasul permitiu que o fluxo ficasse no azul pela segunda vez desde o fim de julho. O saldo cambial ficou positivo em aproximadamente US\$ 83 milhões. Os operadores estimam que a Tractebel (companhia belga que comprou a geradora) tenha enviado ao país de US\$ 250 milhões a US\$ 300 milhões. Há expectativa de que hoje entrem de US\$ 100 milhões a US\$ 150 milhões, que completarão os US\$ 400 milhões a serem pagos ao Governo dia 9.

Até o início da noite, o mercado comercial registrava saldo positivo de US\$ 182 milhões. As exportações somavam US\$ 165 milhões e as importações, US\$ 153 milhões. No câmbio financeiro, os registros indicavam entradas de US\$ 472 milhões e saídas de US\$ 170 milhões. O saldo do mercado flutuante também surpreendeu: as saídas superavam as entradas em apenas US\$ 99 milhões, o segundo menor desde agosto.

Dólar e juros caíram nos mercados futuros da BM&F

Por conta disso, o fluxo cambial permanece positivo em aproximadamente US\$ 1,7 bilhão no acumulado de outubro — no primeiro dia do mês, entraram US\$ 3,8 bilhões de antecipação do pagamento da Telebrás. O alívio na sangria de reservas vem em boa hora, já que nada menos que US\$ 1,319 bilhão em bônus de empresas brasileiras está vencendo e deverá ser quitado no mercado internacional.

Ontem, a entrada dos recursos da Tractebel provocou queda de 0,2% nas cotações da moeda no

mercado à vista. O dólar fechou cotado a R\$ 1,1824 (compra) e a R\$ 1,1826 (venda). No mercado futuro, os preços também recuaram. Os contratos de novembro projetam desvalorização de 0,83% contra 0,98% na véspera.

Os juros futuros também recuaram na Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F). Os contratos de novembro projetam DI (taxa de empréstimos entre bancos) de 39,24%. E a curva permanece descendente. Ontem, o Banco Central elevou em 0,10 ponto percentual a taxa do *overnight*, agora em 40,90%. Foram leiloados cerca de R\$ 3,5 bilhões em Letras Financeiras do Tesouro (LFT), remuneradas pela Selic (taxa dos títulos públicos).

Hoje, as expectativas estão concentradas na reunião do Comitê de Política Monetária (Copom). Os analistas estão divididos. Alguns acreditam que não haverá nenhuma mudança. Outros apostam que a Taxa Básica (TBC) será fixada num patamar próximo de 30% e a Taxa de Assistência Bancária (Tban) deve cair. De qualquer forma, os juros se manteriam em torno de 40% ao ano até que o ajuste fiscal seja anunciado e o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), assinado. Só a partir daí haveria espaço para redução das taxas.

— Acredito que a tendência do BC é não causar sobressaltos no mercado. Por isso, não deve haver nenhuma mudança brusca. A política monetária vem sendo conduzida no *overnight* há tempos. E isso deve continuar até que as indefinições sejam resolvidas — diz Luiz Augusto Rego Monteiro, administrador de renda fixa da Opportunity Asset Management.

As bolsas brasileiras permanecem atreladas ao Índice Dow Jones, de Nova York. Ontem, a Bol-

sa de São Paulo subiu 3,48%, depois de ter subido 6,5%. O volume financeiro ficou em R\$ 410 milhões, o melhor desde a semana passada. O IBV, da Bolsa do Rio, teve alta de 2,59%.

Recuo do Dow Jones fez a Bovespa reduzir valorização

O mercado acionário começou bem o dia, impulsionado pelo bom desempenho das bolsas europeias e pela redução dos juros na Espanha de 4,25% para 3,75% ao ano. Mas o discurso do presidente americano, Bill Clinton, que não trouxe novidades sobre o socorro às economias emergentes, fez o Dow Jones recuar para fechar em alta de apenas 0,22%.

As bolsas internacionais tiveram comportamento irregular. Enquanto a Europa registrou altas históricas, algumas bolsas asiáticas e latino-americanas fecharam em queda. Os mercados europeus foram contagiados pelo anúncio da redução dos juros em meio ponto percentual na Espanha. A taxa caiu para 3,75% ao ano. A perspectiva de que a tendência se espalhe pelo continente vem causando otimismo. Em Madri, a bolsa subiu 4,85%, o segundo melhor desempenho do ano. A Bolsa de Paris fechou em alta de 5,25%, a maior desde novembro de 1987. A alta da Bolsa de Londres foi de 4,42%, no maior avanço em seis anos e meio. Frankfurt subiu 3,03%.

Na Ásia, a Bolsa de Tóquio subiu 0,57%; na Malásia, 3,99%; em Cingapura, 0,86%; na Coréia do Sul, 0,85%; e na Tailândia, 0,76%. Já a Bolsa de Jacarta, na Indonésia, recuou 1,23%. A Bolsa de Hong Kong não abriu devido a um feriado. Na América Latina, o índice Merval, da Bolsa de Buenos Aires, subiu 0,81% e a Bolsa do México avançou 0,20%. ■